

INSPIRAÇÃO PARA INOVAR

EPOCA

# NEGÓCIOS



EDITORA  
GLOBO

JUN  
2020

Nº 160

ESPECIAL COVID-19

## A VIDA EM SUSPENSE

O FUTURO INCERTO DEFLAGRA UMA GUERRA DE NERVOS NO DIA A DIA DE PROFISSIONAIS E EMPRESAS.  
MAS A TECNOLOGIA JÁ ESTÁ AJUDANDO A MANTER A NOSSA SANIDADE MENTAL



# OS ICEBERGS E OS PROCESSOS

ALERTAS NÃO SÃO SUFICIENTES SE NÃO HÁ UMA GESTÃO QUE RECONHEÇA QUE NAVEGAMOS EM MARES DE MAGNITUDES MUITO GRANDES E QUE NÓS MESMOS REPRESENTAMOS UM PROCESSO ACUMULADO DE GRANDE COMPLEXIDADE

**N**  
—

A VIRADA DO MILÊNIO, participei de um evento organizado pelas Nações Unidas com representantes de todas as religiões e tradições ancestrais do planeta. O conagraçamento épico pretendia capturar o significado civilizatório da entrada num milênio

que se delineava futurístico.

Mundo de pós Guerra Fria e pré Onze de Setembro, de globalização e web, e o Ocidente celebrava céus de brigadeiro. Dentre os oradores, um me chamou a atenção, Ted Turner, fundador da CNN. De início, o sotaque sulista e o aspecto de dono de plantation não lhe prestaram sofisticação ou autoridade, mas sua fala direta, frontal, resgatau-lhe potência. “Não há ninguém no timão!”, disse ele conclusivamente, antes de começar. E arrematou: “Somos um transatlântico que navega sem ninguém ao leme!”.

O “sem rodeios” pareceu pleno de significados. Deixava claro que não havia uma racionalidade ou estratégia determinando os caminhos da humanidade e

que esta seguia como se por um modelo biológico. Somos mais espécie do que nos imaginamos, e nosso olhar é sempre hipnotizado mais pela ponta dos icebergs do que pela grandeza da montanha submersa. Vemos os fenômenos e suas magnitudes, porém não temos tino da vastidão de seus processos.

Confesso que pensei nossa civilização como um Titanic. A mentalidade capitalista e mercantilista a demandar andar a toda força. Acelerar mesmo que em cegueira da massa submersa dos obstáculos assim como também da tonelagem do calado submerso em nau de tal envergadura. Essas proporções fazem do comando ou da prudência uma potência risível diante do destino. O timão, o capitão e seu engenheiro, eram ilusórios. No salão os viajantes jantavam, os músicos tocavam, e a conversa pequena e os flertes perfaziam o tempo imaginário de nossos cálculos.

Em cada andar uma realidade particular de motivações. Viajamos às vezes para o mesmo lugar geográfico, no entanto, estamos indo para lugares diferentes. A primeira classe com seus sonhos; o segundo deck com suas aspirações; o terceiro com seus desejos e o quarto com suas necessidades. Tudo, porém, ao ditame de



medidas impensáveis e, em grande medida, invisíveis.

A crise da covid-19 é um evento sem precedentes. Não é o evento do século, mas um evento da história da civilização. O que este vírus já parou, o que este vírus já custou e a quantidade de vidas que afetou, isso nunca houve. Nenhuma guerra colocou centenas de milhões de pessoas em casa e nenhuma fez bilhões se sentirem diretamente vulneráveis.

Sabemos que muito do que nos paralisa é imaginal, produzido pelo desejo de gestão pessoal e coletiva. Queremos ciência, queremos o melhor resultado e nos

cobramos o máximo de controle para não fazer escolhas equivocadas. Fazemos isso, porém, quando já colidimos com a imensidão do bloco de gelo. Rezamos para o barco não ir a pique e sonhamos voltar a navegar na direção do destino traçado por nossos projetos, cada um em seu deck.

Líderes e empreendedores, capitães e engenheiros, devem navegar não pela lógica apenas do escritório central, da matriz de resultados e de seus acionistas. Essa nau, por mais sólida que seja, precisará da ciência e principalmente da gestão para enxergar e considerar os processos da vida, o gigantesco submerso de nossa



sobrevivência que está para além do mero sustento.

O alerta foi dado e, impotentes, vimos nosso navio se aproximar de uma realidade colossal e colidir. Alertas não são suficientes se não há uma gestão que reconheça que navegamos em mares de magnitudes muito grandes, e que nós mesmos representamos um processo acumulado de grande complexidade. Nesse banho de realidade, de reencontro com escalas e proporções do que subjaz a nossas rotinas e interesses do momento, temos uma referência para futuras escolhas.

O que garante nossa sobrevivência como espécie não

é a ciência ou a riqueza, mas nossa capacidade evolutiva. Precisamos aperfeiçoar traços e atributos que ampliem vínculos e virtudes coletivas. Temos de dispor de sinapses de ação para que não sejamos apenas um peso, uma massa, que torna inevitável a rota de colisão.

Não teremos um reencontro no final desta pandemia com o fevereiro interrompido de 2020, há uma ruptura. E a extensão do impacto só será mensurável em escala de processos. Em pequenas coisas mudaremos: no convívio à distância, nos serviços presenciais, nos deslocamentos, na educação, nos hábitos de consumo e na intimidade fami-

---

## “PRECISAMOS APERFEIÇOAR TRAÇOS E ATRIBUTOS QUE AMPLIEM VÍNCULOS E VIRTUDES COLETIVAS”

---

liar. No entanto, tal como no período das Trevas, nascido da falência do modelo do Império Romano, marcado por pestes e ignorância, o mundo conhecerá um Renascimento. O impacto a mais largo prazo só vislumbraremos com as ideias, as ciências e as artes à luz desse processo.

E assim como o mundo trasladou do feudalismo à democracia; da aristocracia à cidadania; do dogma à gnose; dos oligopólios à economia; e da exploração ao mercado; também os processos trarão montanhas de transformação.

Claro, tudo isso não terá sido produzido pela pandemia. Esses grandes blocos de processos já estavam em movimento. O gradual declínio de potências, o esgotamento de modelos e a insustentabilidade são os grandes volumes submersos. A pandemia é a ponta de um iceberg.

Para nossa contemporaneidade que será apenas parcialmente impactada pela monta destes processos, e a quem caberá retomar na outra margem desta pandemia, se coloca um grande desafio. Como criar negócios que estimulem e se compatibilizem com movimentos evolutivos de nossa espécie? Como produzir novos modelos de gestão nacional ou transnacional? Como gerar riqueza e sustento promovendo qualidade social e cuidado com o biosistema?

Nesta pandemia, sob o olhar da gestão e dos negócios, não foram os mais ricos que demonstraram aptidão para sobreviver, vide Estados Unidos e Inglaterra. Os países

nórdicos, a Alemanha, a Nova Zelândia e a Coreia do Sul, países que já engatinhavam pelo processo de novos modelos de gestão e de comportamento coletivo, esses emergiram mais bem adaptados ao crivo das seleções naturais.

Enfim, Ted Turner tinha razão: não há ninguém no timão. Precisamos mudar características fundamentais de nosso transatlântico. Não basta fazê-lo robusto, com quinquilharias tecnológicas que identificam os riscos e perigos de nossa navegação, mas dar-lhe músculos-máquinas capazes de reverter ou alterar cursos. A inteligência de antever ou alertar não é um instrumento suficientemente evolutivo se não contarmos com a mentalidade, a capacidade educativa e ética, para agir e reagir.

Não acho que vamos afundar. No entanto, as faculdades e os recursos de nossa nau são insuficientes para dar conta da dimensão colossal do que está submerso em questões adiadas do clima ou da fadiga do planeta.

Se a prática do milênio continuar atendendo a interesses de quem não está no barco; se não produzirmos um renascimento na cultura e na economia; então teremos a sorte das naus à deriva.

No tempo dos processos, alguém estará no futuro olhando para trás e contando sobre a relevância histórica do que acontece em nossa geração. Será a história sobre a chegada a um porto utópico ou o relato de um naufrágio. 